

Transcrição – Podcast Biologia In Situ #001

[moto buzina] [burburinho] [sirene de carro de polícia]	
Cafeína	Você está ouvindo: Biologia In Situ Podcast. “Porque todas as estradas levam à Biologia”.
[pássaro canta] [vento] [chuva]	
Ricardo	Bem-vindo, bio-ouvinte, a este que é o primeiro episódio do <i>podcast</i> Biologia In Situ. Aê!
[fogos de artifício]	
Ricardo	O que é isso? O que é isso, gente?
[cachorros latem]	
Ricardo	Abaixa os fogos. Abaixa, porque os bichos não gostaram. Aqui não vai ter fogos não. O que a gente pode fazer para comemorar em vez de soltar fogos então? Ah, já sei. Palmas, plateia.
[plateia bate palmas]	
Ricardo	Muitas palmas. Aê! Agora sim. Bem-vindo, bio-ouvinte, a este que é, agora sim, o primeiro episódio do <i>podcast</i> Biologia In Situ, onde todas as estradas levam à Biologia, como

você acabou de ouvir na maravilhosa voz da nossa querida Cafeína, do *podcast* Papo Delas. Mas nós já começamos chiques para caramba, hein?

Eu sou o seu host de hoje, Ricardo Gomes, biólogo, e aqui no Biologia In Situ você vai encontrar assuntos cotidianos que, de alguma maneira, estão relacionados a assuntos biológicos. E nós temos a missão de fazer as pontes entre eles. Nós vamos mostrar que a Biologia está em tudo. Qualquer assunto tem algo de biológico nele. Logo, todas as estradas levam à Biologia.

E como se fosse pouco, o Biologia In Situ terá séries paralelas: outros programas com outras abordagens e objetivos que você vai saber em breve, mas não hoje.

Por hoje, vamos ficar com a informação de que nós pretendemos ser um *podcast* semanal. Porém, isso não está garantido por enquanto. Dando tudo certinho, nós nos vemos todas as quintas-feiras a partir de hoje. Caso não dê tudo tão certo assim, nós começamos nos vendo, ou melhor, nos ouvindo a cada duas semanas. Vamos ver como as coisas andam a princípio.

E que data melhor para a nossa estreia que o dia 03 de setembro? O Dia da Pessoa Bióloga. Eu não sei de data melhor. Só sei que o nosso *podcast* já começa com um aniversário muito simbólico.

Agora eu, daqui do Rio de Janeiro, e a Cristianne Santos, bióloga, mestra e doutoranda em Ecologia e Conservação pela Universidade Federal do Sergipe, vamos dar as nossas vozes

	a essa pauta docinha e fofuxa que a nossa equipe preparou para você. Segue o nosso primeiro programa: “O real, o beija-flor e o naturalista”. Gente, que emoção. Finalmente no ar. Nem acredito. O primeiro episódio.
[moto buzina]	
Caféina	Você está ouvindo: Biologia In Situ Podcast.
[pássaro canta] [piano toca]	
Ricardo	<p>Com o fim da ditadura, na década de 1980, o país passava por dificuldades financeiras visíveis, como por exemplo: o governo gastar mais do que arrecadava com os impostos, o dinheiro público ser mal utilizado em obras superfaturadas e em desvios através da corrupção, e o alto número de funcionários públicos. Essas são algumas das razões principais para o gasto excessivo e insustentável.</p> <p>Após várias tentativas frustradas para conter o chamado “dragão da inflação” que rondava o país naqueles anos, com o Plano Cruzado, o Plano Verão, que trazia o cruzado novo (Cz\$), o Plano Collor I, que até hoje é lembrado com muita revolta dos familiares mais velhos por causa do inesquecível e dolorido confisco das contas poupança, o Plano Collor II, até que, por fim, com o <i>impeachment</i> do Fernando Collor em 1992, Itamar Franco assume a presidência trazendo consigo Fernando Henrique Cardoso para o</p>

Ministério da Fazenda, como era chamado o atual Ministério da Economia. É posto em prática, então, o Plano Real.

No ano de 1993, a inflação chegou a superar 2000%: a maior já registrada na história do país. Então, cabia ao governo criar uma moeda que visava combater a inflação em vez de o controle dos preços, que é o que as moedas anteriores faziam. Nesse mesmo ano, entrou em circulação o cruzeiro real (CR\$). O Plano Real foi dividido em três etapas. Primeiro: o ajuste fiscal, que foi uma tentativa de o governo gastar menos e recolher mais impostos. Segundo: a implementação da Unidade Real de Valor, a URV, uma parte fundamental do Plano Real, na qual foi criada uma moeda virtual atrelada à cotação do dólar comercial do dia anterior. A paridade entre as duas moedas era atualizada todos os dias por uma nota oficial do Banco Central e divulgada pela mídia. Por exemplo: digamos que, no dia 29 de março de 1994, o preço de um item estivesse marcado como 1 URV. No caixa, o consumidor pagaria por esse item a quantia de 895 cruzados reais e 3 centavos, pois essa era a paridade entre as moedas naquele dia de acordo com o Banco Central do Brasil. No dia seguinte, o mesmo item custaria o mesmo 1 URV, porém esse 1 URV poderia ter um valor diferente em cruzados reais. A terceira parte é a oficialização do Real em primeiro de julho de 1994. No dia de seu lançamento, todos deveriam converter os cruzeiros reais para reais. A conversão foi de um real para cada 2750 cruzeiros reais. Um dos

principais marcos da nova moeda é que ela foi previamente avisada à população e transacionada pela URV.

O Plano foi importante para a contenção da inflação do país, reavendo um pouco do poder de compra e da estabilidade econômica do brasileiro. Um detalhe interessante é que esse nome, Real, é um *inception* de referências. Ele é derivado de réis, que você já deve ter ouvido falar em alguma novela das seis que, por sua vez, é derivado de real, que era a moeda corrente em Portugal lá por volta de 1500.

As cédulas de real se diferenciam pelas suas cores, texturas e dimensões, mas todas possuem no anverso, na frente, o busto da efígie da República, aquela moça com uma coroa de louros na cabeça; e no reverso, na parte de trás da cédula, pode-se notar em destaque o animal correspondente ao seu valor. Por se tratar de uma troca rápida da moeda do país, foram contratadas três empresas para realizar a impressão das cédulas, juntamente com a Casa da Moeda. Para isso, foram necessárias 106 viagens aéreas e 37 viagens terrestres até 30 de junho de 94 para conseguir abastecer o país até o momento da virada, no dia 1º de julho.

Vale lembrar que, até então, as trocas eram tão frequentes e apressadas que se chegou a carimbar as cédulas de série antiga para que elas circulassem com o valor da cédula nova. Um exemplo foi a nota de 500 cruzados novos, que foi carimbada para valer como 500 cruzeiros enquanto a moeda nova não entrava em circulação com as cédulas próprias.

Para se diferenciar por completo das moedas lançadas anteriormente, o Banco Central decidiu que as novas cédulas deveriam ser representadas por animais da fauna brasileira, com o objetivo de influenciar na preservação do meio ambiente e na proteção da fauna e da flora. Os animais utilizados foram o beija-flor na nota de 1 real, a garça na nota de 5, a arara na de 10, a onça-pintada na de 50 e a garoupa na de 100. As notas de 2 e 20 reais foram implantadas no ano de 2001, havendo uma enquete para decidir quais animais as representariam. Os vencedores foram a tartaruga-de-pente para a de 2 reais e o mico-leão-dourado para a de 20.

Apesar de fazer parte da nova moeda do país, o beija-flor presente nas notas de 1 real não era tão novo assim para a população, pois o animal já esteve presente nas antigas notas de 100 mil e de 500 cruzeiros no plano anterior, e também na de 500 cruzados novos.

E se você está pensando que a nossa ponte entre o beija-flor e a economia é através do tráfico de espécies silvestres, você se enganou, bio-ouvinte. Dessa vez, a interação entre esses dois temas se deu de maneira oficial e muito mais simbólica. O beija-flor-de-peito-azul, que tem o nome científico de *amazilia lactea*, é a ave que é representada na nossa nota de 1 real. É, é bem possível que você que está nos escutando agora nunca tenha visto uma nota de 1 real, já que ela vem saindo de circulação desde 2005. Mas eu, que já sou um senhor de idade, comprei muito picolé na esquina com nota de 1 real. E não, isso não é código para qualquer outra coisa

	<p>não. Eu realmente ia comprar picolé na sorveteria da esquina com a nota de 1 real. Está bom? Voltando ao beija-flor, vamos falar mais como biólogos agora.</p>
Cristianne	<p>O beija-flor-de-peito-azul adulto mede por volta de 8 a 11 centímetros, e pesa entre 3 e 6 gramas. Sim, é uma das menores aves do mundo. Eles possuem a região do pescoço e da garganta de cor violeta e uma faixa branca que vai do peito até a barriga, chamada ocráceo, que é o que diferencia essa espécie das outras do mesmo gênero. As costas e a nuca são verde brilhante, e a cauda e as asas são azul-escuro. Ou as asas são azul-escuras? Não sei, sinceramente. Fica aí a dúvida para o professor Pasquale. Aliás, se você não escuta, já fica a indicação de <i>podcast</i> “A nossa língua de todo dia”. Excelente.</p> <p>Além do ocráceo, a barriga também é branca, o que pode ser uma contradição, já que ocráceo significa “da cor de ocre”, que não é branca não. É uma parada meio amarelada, meio amarronzada. Mas enfim, eu não sou designer de interiores e não vou me ater a isso.</p> <p>Existem três subespécies reconhecidas que ocorrem por boa parte da América do Sul, como Venezuela, Bolívia, Peru e no Brasil, é claro. O beija-flor habita áreas de floresta e também cidades, sendo uma espécie que conseguiu se ambientar a um ambiente antrópico, ou seja, aquele modificado pelo homem. É uma ave sinantrópica. Eles se alimentam do néctar de algumas plantas, entre elas, bromélias e também</p>

de insetos. Durante a alimentação, acabam sendo bons polinizadores das plantas que visitam. Além disso, também podem utilizar recursos de plantas exóticas. O que ainda não está definido é a influência do uso desses recursos na estruturação das comunidades de beija-flores. Espécies do gênero *Amazilia* são capazes de explorar uma ampla gama de recursos e *habitats* florais, sendo assim uma espécie abundante, ou seja, com muitos indivíduos, e que apresenta um comportamento notavelmente agressivo, com capacidade substancial de perseguir outros beija-flores em locais de forrageamento, ou seja, áreas de alimentação; e também de monopolizar recursos. Essas características podem ser explicadas pelas diferentes pressões seletivas sofridas pelo grupo que permitiram que algumas espécies fossem mais abundantes em ambientes específicos. Por exemplo: vários estudos realizados em escala local e regional indicam que as espécies de beija-flor esmeralda, outro nome pelo qual a espécie também é conhecida, interagem com o número mais significativo de espécies de plantas do que os beija-flores pertencentes a outros grupos encontrados nas mesmas áreas.

A *Amazilia lactea* apresenta, durante o forrageamento, uma estratificação nos territórios e interação com outras espécies. Essa espécie estabelece territórios de forrageamento em flores com altura entre 6 e 15 metros e durante toda a estação de floração do eucalipto, por exemplo, mesmo no início e no final da mesma, quando a abundância de flores é baixa. Sendo assim,

	<p>requer menos recurso para estabelecer e defender o território. A construção dos seus ninhos é sobre galhos utilizando materiais como algodão e líquen, o que auxilia na camuflagem da estrutura, e é bom para evitar predadores.</p> <p>No período reprodutivo, a fêmea põe um ou dois ovos que, cerca de uma semana depois, eclodem. Mas os filhotes permanecem ainda no ninho durante cerca de 20 dias.</p> <p>A espécie, como a gente já tinha falado, apresenta uma grande ocorrência, está em boa parte da América do Sul e também é sinantrópica, o que contribui para a categoria de ameaça dela ser pouco preocupante.</p> <p>Qualquer dia desses a gente pode falar melhor sobre a categorização do nível de ameaça das espécies, mas por hoje a gente fica nessa: pouco preocupante. Mas espera aí. Como é então que beija-flor-de-peito-azul foi parar no papel-moeda, hein?</p>
Ricardo	<p>O naturalista Augusto Ruschi nasceu em Santa Teresa, Espírito Santo, em dezembro de 1915. Foi o oitavo de 12 filhos de pais que vieram para o Brasil em missão pelo governo italiano para ajudar no desenvolvimento das colônias italianas. Desde pequeno, demonstrava interesse pela natureza, sendo chamado a atenção na escola por brincar com os insetos que levava para as aulas, e também se interessando pelas flores que o pai cultivava. Aos 12 anos, fez uma significativa contribuição às pesquisas de uma praga agrícola de laranjais. Ele não devia imaginar que um dia os laranjais seriam um problema no Brasil e não</p>

uma coisa a ser protegida. Aos 17 anos, começou a trabalhar como coletor de materiais botânicos e zoológicos para o Museu Nacional e o Jardim Botânico no Rio de Janeiro. E, em 1937, aos 22 anos, já era professor da Universidade Federal do Brasil, que é hoje chamada de Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ. De volta ao Espírito Santo, desenvolveu diversos trabalhos na região de Santa Teresa. Academicamente, dos 18 aos 22 anos se formou em Engenharia Agrônômica, começando na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa/Minas Gerais, e terminando na Escola Superior de Agricultura, Veterinária e Química Industrial de Campos, no Rio de Janeiro.

Dos 23 aos 28 anos, fez uma especialização em Botânica, no Museu Nacional. Em 1953, aos 37 anos, ele foi efetivado como botânico do Museu Nacional, acumulando pesquisas sobre beija-flores, orquídeas, morcegos e reservas florestais. Nas pesquisas com beija-flores, obteve reconhecimento internacional, com o desenvolvimento de técnicas de captura, transporte, criação e reprodução em cativeiro.

Ruschi se popularizou como ícone da defesa do meio ambiente através da participação em conselhos e associações sobre ornitologia, botânica e conservação; também por campanhas nacionais e internacionais em defesa de ecossistemas e espécies ameaçadas de extinção. O reconhecimento de seu trabalho se deu também através do trabalho se deu também através de sua representação nas cédulas de 500 cruzados novos, que circularam entre 1989 e

1990, e nas cédulas de 500 cruzeiros, que circularam entre 90 e 94. É aí, bio-ouvinte, que o beija-flor começa a estampar as cédulas brasileiras.

Antes do Plano Real, era comum que personalidades brasileiras de alta relevância fossem homenageadas nas notas de dinheiro, como Cecília Meirelles, Santos Dumont e Machado de Assis. Quando chegou a vez de Augusto Ruschi, ele foi retratado ao lado de suas maiores especialidades: um beija-flor e uma orquídea. A outra seria um morcego, mas creio que o preconceito tenha deixado esse bichinho fora dessa.

Aliás, fica aqui a recomendação do *podcast* Morcegando, que traz várias informações e desmistifica esses animaizinhos tão bonitinhos que são os morcegos.

Mas voltando para o beija-flor. O beija-flor-de-peito-azul apareceu sozinho numa cédula pela primeira vez na de 100 mil cruzeiros, que circulou também de 90 a 94, logo depois de já ter aparecido com Augusto Ruschi na nota de 500 cruzados novos e ao mesmo tempo na de 500 cruzeiros. Não encontramos na pesquisa uma relação direta, uma nota oficial de que o beija-flor sozinho, presente nas cédulas, está lá por causa do Augusto Ruschi. Porém, a cronologia indica que isso possa ter ocorrido.

Vale ressaltar que, nessa série do cruzeiro, a única cédula que tem só um animal sozinho é essa do beija-flor. Todas as outras, inclusive a de 500, que tem o Augusto Ruschi, trazem uma personalidade e o seu fundo de trabalho, um

	<p>fundo que tenha a ver com o trabalho daquela pessoa. Então, a nota de 500 cruzeiros tem o Augusto Ruschi, o beija-flor e uma orquídea, só que a de 100 mil cruzeiros têm só o beija-flor, sem ninguém.</p> <p>Além de pesquisador, Augusto Ruschi foi um grande ativista, pautando a mídia, estabelecendo contatos com a comunidade científica, com a sociedade civil, ativistas e políticos, para defender principalmente a Mata Atlântica do Espírito Santo. Foi representado nas cédulas de dinheiro e também recebeu a homenagem póstuma de Patrono da Ecologia do Brasil.</p> <p>O Ruschi fundou, em uma área que ele recebeu como herança familiar, o Museu de Biologia Professor Melo Leitão, em homenagem a seu amigo pessoal e orientador. Atualmente, o museu faz parte do Instituto Nacional da Mata Atlântica, no Espírito Santo. Ele mesmo foi homenageado, tendo seu nome atribuído à Reserva Biológica Augusto Ruschi e ao Parque Florestal Augusto Ruschi, ambos em Santa Teresa, no Espírito Santo. Também a Reserva Ecológica Augusto Ruschi em São José dos Campos, em São Paulo, o Parque Municipal Augusto Ruschi, em Vitória, a Estação de Biologia Marinha Ruschi em Aracruz, Espírito Santo, e o Museu Zoobotânico Augusto Ruschi no Rio Grande do Sul.</p>
[violão toca]	
Ricardo	E é isso, bio-ouvinte. Esse foi o nosso episódio de estreia do Biologia In Situ, nosso programa principal. Agora imagine você as nossas caras

quando, em pleno desenvolvimento da nossa pauta, sai a notícia de que nós teremos mais uma nota nova: a de 200 reais. É assim que se começa um *podcast*, bio-ouvinte. Sendo relevante e atual, até quando é sem querer.

E, se tudo der certo, nós nos vemos na semana que vem com uma das séries paralelas. Se não der lá tudo tão certo assim, nós voltamos daqui a 14 dias, mas sempre às quintas-feiras no seu *feed*.

Você tem alguma dúvida? Alguma informação, um comentário ou uma sugestão de convidado ou tema para os nossos episódios? Manda para a gente através do nosso e-mail. Cartinhas, no plural: cartinhas@biologiainsitu.com.br. In situ é i-n-s-i-t-u. Cartinhas@biologiainsitu.com.br.

Você também pode entrar em contato com a gente através do Instagram e do Facebook como *Biologia In Situ* e no Twitter, no [@biologiainsitu](https://twitter.com/biologiainsitu). Também pode deixar um comentário no *post* desse episódio no nosso site, no www.biologiainsitu.com.br. Essas são as nossas pontes de contato entre você que se interessa pela Biologia e o conhecimento que a Biologia traz.

Acima de tudo, esse *podcast* é feito para você, bio-ouvinte. Logo, nós queremos ouvir a sua voz. Então, manda a sua cartinha para a gente.

Você gostou da nossa proposta e quer nos apoiar? Compartilhe o episódio com as pessoas, dê cinco estrelinhas e deixe um comentário no iTunes ou no agregador de *podcasts* que você usar. E você também pode apoiar este *podcast* através da plataforma *Padrim*, no

	<p>www.padrinim.com.br/biologiainsitu. Lá tem várias categorias de apadrinhamento começando apenas de um realzinho. Ou seja, tem para todos os bolsos de quem puder e quiser, é claro.</p>
[moto buzina]	
Ricardo	Até o próximo programa. Tchau, tchau.
[violão toca] [pássaro canta] [vento]	